

# TOCAR O TERROR



# TOCAR O TERROR

Tatiana Pequeno

**Cult**  
editora

*Tocar o terror*

COPYRIGHT © 2022 Tatiana Pequeno

COPYRIGHT © 2022 Editora Bregantini

Todos os direitos reservados pela Editora Bregantini. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da editora.

PROJETO EDITORIAL Daysi Bregantini

CONSULTOR EDITORIAL Marcelo Nocelli

PROJETO GRÁFICO E DESIGN Negrito Produção Editorial

REVISORA Natália Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129	
Pequeno, Tatiana Tocar o terror / Tatiana Pequeno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Bregantini, 2022. ISBN 978-65-86596-13-7 1. Poesia brasileira. I. Título.	
22-103957	CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira      B869.1

CULT EDITORA

Praça Santo Agostinho, 70 – 10º andar, Paraíso

São Paulo, Brasil • CEP 01533-070

11 3385 3385 • 11 9 9998 9728

*Não pare, amor  
continue a dança, poesia  
ainda que na morte.*

ADONIS, *Poemas*

&

*Ouço sedes, seres, coisas.  
Recebo vulcões, máculas, auras.  
Ofereço larvas, lodo, gozo.  
Esperado ouro.*

MARIZE CASTRO, *Esperado ouro*

*Quando eu canto  
É para aliviar meu pranto  
E o pranto de quem já  
Tanto sofreu*

*Quando eu canto  
Estou sentindo a luz de um santo  
Estou ajoelhando  
Aos pés de Deus*

*Canto para anunciar o dia  
Canto para amenizar a noite  
Canto pra denunciar o açoite  
Canto também contra a tirania  
Canto porque numa melodia  
Acendo no coração do povo  
A esperança de um mundo novo  
E a luta para se viver em paz*

*Do poder da criação  
Sou continuação  
E quero agradecer  
Foi ouvida minha súplica  
Mensageiro sou da música*

*O meu canto é uma missão  
Tem força de oração  
E eu cumprio o meu dever  
Aos que vivem a chorar  
Eu vivo pra cantar  
E canto pra viver*

*Aos que vivem a chorar  
Eu vivo pra cantar  
E canto pra viver*

*Quando eu canto  
A morte me percorre  
E eu solto um canto da garganta  
Que a cigarra quando canta morre  
E a madeira quando morre, canta*

*Quando eu canto  
A morte me percorre  
E eu solto um canto da garganta  
Que a cigarra quando canta morre  
E a madeira quando morre, canta*

*Que a cigarra quando canta morre  
E a madeira quando morre, canta*

Paulo Cesar Pinheiro / Joao Batista Nogueira Jr.  
nas vozes de Clara Nunes, Fabiana Cozza  
e Mariana Aydar





*Para os sobreviventes*



## Sumário

- 15 a matéria simples
- 17 missiva
- 19 enigmagma
- 22 my empire of dirt
- 24 testamento
- 26 beth orton magra  
sandra de sá com  
quem eu mais  
parecia
- 28 koba
- 29 moenda
- 30 moenda.2
- 31 moenda.3
- 32 moenda.4
- 33 moendas da barra
- 34 moendas da barra.2
- 35 moendas da barra.3
- 36 moendas da barra.4
- 37 moendas da barra.5
- 38 medusa da silva
- 40 melancolia de esquerda
- 41 salmoura
- 42 jazzer
- 43 tocar o terror

- 44 ilusão de ótica ou o que é um quadro?  
46 2018 como arquivo  
48 sem título  
51 o que as mulheres podem ensinar sobre poesia  
54 metamorfoses  
56 lavar o peito e o espaço  
58 dos anônimos  
60 1979-2019  
62 a mascarada  
64 clarissiana 6  
65 o que me deram a solidão e a fome  
66 grupo de risco  
68 aturdito  
69 bioma brasil  
72 rio dos voos  
73 agenda  
75 a estranheza  
76 eu queria estar em denver  
79 a história de dalila  
82 a magnólia (com coisas da luiza neto jorge)  
83 centauro com peixes advindo  
85 transplantação  
86 aquela teresa  
88 aparecia  
90 peregum  
91 sem esperança entre os hibiscos  
92 facção

95 chegada à praia  
97 kò sí ewé, kò sí òrìsà  
98 iara  
    com coisas da iara ira  
100 glosa: em 92 havia uma rede  
    como se era uma garota  
    passante rediviva do subúrbio  
    acontecer era da tv para a rua  
    Cilene jogadora 73 kg  
    seleção brasileira de voleibol  
104 sem título  
105 sem pai na cabeceira  
108 são josé dos ausentes  
110 os poetas e o imc  
111 arranque  
112 os móveis que trouxe de amargosa  
114 karen koltrane com coisas distorcidas  
    & sonic youth  
116 touch me i'm sick  
119 enquanto queimo  
121 “Escrevo-te para que me escrevas”



## a matéria simples

quando comecei a ler livros maiores  
histórias de outros mundos  
os meus pés começaram a doer  
e talvez fosse mesmo um peso  
que ia se criando  
no desconhecido  
sem eu poder

quando comecei a ler livros maiores  
histórias de outros mundos  
as viagens para perto passaram  
a ser curtas demais como a alegria  
que ia se desfazendo  
no silêncio  
com a fome

quando comecei a ler livros maiores  
sobre as coisas deste mundo  
a morte já tinha sentado ao meu lado  
a pele gravitava já em torno da mentira  
que era o infinito

desde então  
dar voltas  
no mundo  
que tenho  
parece ser  
a única  
solução  
para o  
cuidado  
comigo  
mesmo  
sendo o  
horizonte  
(como o  
amor)  
finito.



## missiva

as paredes que caem durante  
o bombardeio têm cal e pó  
têm tintas arrancadas do  
passado de tijolos mãos  
arquétipos de ar de gentes  
as paredes que caem depois  
do bombardeio supuram a  
pagando a valentia das fogueiras  
nós surfando por baixo da água  
podre como as praias que vi  
na arquitetura da arrebentação  
as paredes que caem muito tempo  
depois dos bombardeios levantam  
a poeira dos jogos mais sujos  
bispos juizes ministras capitães  
pm's  
vírus sacolejantes na palavra das  
vans

não há bombas nem morteiros  
sorriem as injeções letais  
clamamos por elas escrevendo  
a deus nalgum muro sujo  
enquanto o sagrado sucumbe

e vegeta gota nenhuma de seiva  
a saciedade dos parasitas memoriza  
o financiamento dos artefatos  
coisas duras  
imóveis  
onde nascem as crianças com fardas  
químicas e máscaras dessa horda  
matável e vitimada pelas risadas  
sinistras sobre nós sobre o futuro.

# enigmagma

*para cris, paisagem com buganvília*

o que terá acontecido em 2016  
digo  
ano em que casei sorrindo claridade  
no cartório  
com buquês meu e dela feitos  
por mim  
na véspera vinha de são conrado  
desci em copacabana  
onde comprei muitas flores  
e uma fita verde brocada

não fiquei doente em 2016  
mas a presidenta se foi  
e a minha coluna doeu  
fiquei travada uns dias  
deitada num estado duro  
ouvindo gravatas do passado  
acossando o presente  
na sessão  
(roy david frankel ensinou)

em 2016 num dia muito fresco  
de outubro nós acordamos  
quatro e sete da manhã  
fomos até a cadeg em são  
cristóvão  
e nos dividimos para escolher  
as flores  
uma vendedora ficou surpresa  
e perguntou - qual é a ocasião  
e eu disse com o rosto amansado  
ainda de sono  
são para o meu casamento  
que vai ser daqui dez horas  
eu sou a noiva  
e não fiquei doente neste ano

escolhi muitos ramos  
ela sorria lateralmente  
às seis com o sol em si

em 2016 respirei  
travei a coluna  
mas  
meus amigos leram  
suas vozes  
na cerimônia

eu vestia rosa claro  
ela branco  
e já falávamos a palavra  
golpe  
nos entremeios do nosso  
sim

a minha vida inteira quis  
esquecer a fisiologia dos  
golpes  
e habitar um país e  
um corpo mais herbário  
que herança

preferi a luz das seis  
nela  
amada  
ainda que finita.

# my empire of dirt

*para ledusha*

às vezes esqueço que  
há muitos anos operei  
o rim direito

tive coisas impróprias na  
dando dentro dele  
pós, pedras, medos,  
remédios, tiranias

foi um longo processo  
demorei demais na  
anestesia geral  
não soube se eu voltaria  
o doutor geraldo me abriu  
entre os bisturis e as facas

soletrei nomes perdidos  
entre as injeções de morfina

nos exames aparece hoje  
alguém assustado  
dizendo  
há uma cicatriz imensa

lá dentro e  
eventualmente  
esqueço de avisar  
que emudeço nos  
exames de imagens

temo que encontrem  
o que foi aberto  
para ser retirado  
ainda lá  
pulsante  
como o refrão de hurt  
do johnny cash  
que tocava ao longe  
na cena em que me  
levavam para longe  
da imagem de uma  
santa

a dor  
que a escrita amansa  
única e familiar  
como um risco  
cirúrgico

## testamento

por anos e anos eu em mim  
fiquei sem conjugar verbos  
achei que soubesse alguns  
perdi todos de repente  
numa quarta-feira  
sua voz parecia que saltava  
elétrico morto depoente  
por dentro essa busca  
classe por classe  
gramática por gramática  
onde foi que eu perdi o verbo  
mãe

e nem havia mãe nem pai  
só o fundo dentro do furo  
ir longe caindo caindo  
como se cai em alguns  
poemas do piero ou  
da tsvetaeva  
como se cai e como se levanta  
sei lá como fazem os pássaros  
para pessoas como eu sei que  
basta um rosto menos disposto  
basta uma frase mal colocada



you never knew né anjo  
you always had feet and hands on  
the ground  
I will talk to you even without words  
my well  
now only us:  
absence of catanas  
me and that.

beth orton magra  
sandra de sá com  
quem eu mais  
parecia

a primeira vez que vi mtv  
programa de jovens ricos  
impossível para quem tinha  
como horizonte a sessão da tarde  
havia mesmo mulheres muito brancas  
esquálidas como em outro país do norte  
os cabelos pareciam  
estranhos voavam e eram claros  
os rapazes ao meu redor custavam  
a sair do transe das fêmeas sem  
barriga  
diziam que o que importava eram as  
canções  
mas eu sempre soube que era mentira  
mulheres leves que os levavam às nuvens  
eu noiva do rapaz de belford roxo aos treze  
havia algo naquelas mulheres como um saber  
para os cabelos escuros inacessível  
até que vítor  
meu primeiro homem

disse  
seria bom você operar o nariz mas  
antes disso quem sabe uma dieta  
quem sabe os fios mais claros  
querida  
mesmo se tivermos um filho ele  
terá essa nossa pele feia  
eu empinava a barriga em frente  
a um espelho quebrado prevendo  
o futuro nenhum da minha cria  
e o pai dele depois um dia disse  
ainda bem que essa criança escura  
não nasceu risos você tatiana é  
uma garota sem humor  
e eu fiz novena para nossa senhora  
do parto maria muito branca me  
remediava em seu colo  
alisa meu cabelo mãezinha  
rogai pelo nariz por este corpo  
pedaços estraçalhados dele  
rogai como uma mulher esvoaçante  
por gente como eu e o vitor  
livrai-nos do próprio mal.

## koba

sobrou sempre em mim um talento  
o de entrelaçar os dedos de medo  
prendendo no alto a cabeleira solta  
lembro de ter te dado alguma coisa  
não sei mais o que foi e ficou  
foi muito rápido o encontro naquela  
praça nublada do centro  
há dezoito ou dezenove anos  
um tempo em que me pergunto  
quais eram as roupas que me vestiam  
não sei ainda mentir no gesto  
na viveza daquele antigo talento  
não sei como reaver as coisas que dei  
(um ombro com escritos num coletivo)  
e nunca mais foi esquecido ou devolvido  
  
perdi.

## moenda

sair da fábrica e lembrar do corpo  
chegar no corpo e organizar a casa  
mudar a casa e tomar posse da vinha  
beber o vinho e poder ser nova

e ao sair carregar o bracelete  
joia a travar a máquina  
aquela que enlaça uma escolha  
bendita fruta entre as mulheres  
o chão sagrado das ouriças

## moenda.2

como sair depois dos gastos  
corpo aparado de malfeitoria  
como vingar todos os emplastos  
corpo o meu cheirando a carne moída

demos as mãos ficaram retalhos  
estamos sem adubo para outro plantio  
você pensa que aqui somos feitos de lixo  
você se engana  
aqui somos feitos de cascas  
pedaços de pele macerada  
pedaços de derme queimada  
não nos acusem de não saber reciclar nosso lixo

## moenda.3

que espetáculo a vertigem em hd das imagens  
os mortos circulando sobre a câmera  
o cemitério aberto no silêncio de são paulo  
o caos na cidade que bebe a vala aberta  
o ritmo de ceo dos crentes e falsos sertanejos  
de fato dançamos macabramente  
a coreografia sangrenta e abominável  
história natural do brasil

## moenda.4

vou te contar uma longa história em  
pouquíssimas linhas meu anjo  
versos de lembranças alguém disse  
mas não é verdade  
o que escrevo queima na vela dos  
meus santos  
o que escrevo coagula nas pernas  
sobrevoa o corpo quando deito  
as escápulas retorcidas na esteira  
sobre o lençol branco  
posso ver o que escrevo fora das giras  
quando fecho os olhos antes dos domínios  
o que escrevo foi amortecido pelas moendas  
paira como um perigo acertado do fogo  
consome as entranhas a ponto de ser dito  
vamos precisar investigar melhor a víscera  
e no entanto a câmara não passa em certos  
lugares estreitos  
vou te contar uma outra história meu anjo  
e ela não tem a ver com a natureza do  
teu feudo  
vou começar  
anote aí:



## moendas da barra

se o pai estivesse vivo  
talvez dependesse de auxílios  
empregado de barões  
patrões assinalados  
cruzados  
mas  
antes um acidente ence  
fálico  
homens como ele como o tio  
são mortos antes  
pela cidade  
pelos praças  
pelo tempo longo  
do vírus no prato vazio

## moendas da barra.2

por trás da máscara  
no transporte público  
um caça-palavras  
dentro do silêncio  
trabalho escasso  
do corpo sem escudo.

## moendas da barra.3

cada poema é uma cratera  
sílica funil telha lama  
pedra tinteira de areia  
que sobrou daquilo que  
ruiu fogo bomba que se  
apagou

## moendas da barra.4

pode ser que um dia  
os mais novos  
recuperem espadas  
até lá  
o sumo do fígado  
ensinado a eles  
sendo então a  
memória e o ódio  
as únicas vinganças

## moendas da barra.5

queria rimar acalantos  
escrever livrinhos sobre  
tecidos finos e nobres  
ou sobre a cera das frutas  
quem sabe um passeio so  
bre cervejas na holanda  
mas

## medusa da silva

*existe amor  
depois do amor  
resiste o amor  
depois do horror*

LETRUX, *Amoraim*

ora não há história na  
poesia  
existe apenas um  
fio ar  
rebenta  
do como memória  
um paradoxo entre  
o que resta da  
devastação  
e o acontecimento

o que há é história na poesia  
a narração comprovada  
de que não houve messias  
apenas fatos mariais  
com corpos e mistérios  
depois

do que resta da  
devastação  
e o amortecimento

só existe inverdade na poesia  
inverdade porque não houve  
quem quisesse saber  
inverdade porque  
um testemunho é sempre um segredo  
revelação do que já é frágil na nudez

a poesia é inconveniente  
como deus na primeira  
foda  
aos treze anos

sopra em mim teu canto  
musa  
teu riso não me assusta

## melancolia de esquerda

you fez uma pergunta  
por que o título não tem  
interrogação  
eu respondi que  
não se tratava de uma dúvida  
as bombas somos nós  
os terroristas são eles  
e pode ser simples assim  
binário mesmo  
neste caso  
a questão talvez seja  
desconectar os fios  
ganhar destreza sobre os alicates  
reverter as imagens da guerrilha  
especialmente com o que dói  
quem sabe  
vamos descobrir um modo de  
sentar à mesa sem morrer  
alimentados pela cicuta  
distantes da fome  
apaixonados pelo vazio  
nutridos por nenhum  
consolo ou poder



## salmoura

you vinha pelo corredor descalça  
marinha, não vinha da fonte  
era pavimento pilar piscina  
nada assentava eu que ruía

## jazzzer

enquanto vira a chave  
enquanto corta o chicote  
e a morte é pedreira de laje  
os amigos partem  
sobrevoando oceanos  
deixando para trás o gás  
tóxico da nossa fornalha de gente  
seria um país  
seria uma fase  
mas são as amostras para quem fica  
em pé e à deriva esperando a saúde  
enquanto a vida escapa pelos molares  
enquanto os pães endurecem e o couro  
adormece mascado  
gastando nossos dentes

## tocar o terror

cruzar a avenida  
sentido contramão  
sem o samba no pé  
de frente pro cristo  
& despida a fantasia  
estender as mãos

ó, cidade que marca  
a típica voz do surdo  
firma a minha bateria  
afasta o camburão

ó, cidade que desfila  
bossa, pó e corpo  
me empresta a linguagem  
antes de o brilho inteiro

tocar o chão

## ilusão de ótica ou o que é um quadro?

das aulas de física  
restou a primeira  
contradição  
se eu vejo  
sou vista  
a máscara

mentira

aqui  
só vendendo  
e crendo  
influencer  
em jogo  
em foco  
apareço

ninguém quer des-ser  
quer também o direito  
de ser passiva  
solfejar a falácia:  
se eu vejo

sou vista  
& cansada de ver  
máscara  
invejo  
quem apenas é  
graça ou  
hegemonia

sem guerra  
a mentira  
seria apenas  
uma tarde  
na lagoa:  
ourivesaria

## 2018 como arquivo

foi com o peito pesado assim  
ofegante que levei um tiro  
vinha de longe mas era perto  
ouvi o latido dos cães do vizinho  
pulmões adensados pulso curto  
todos os dias era anunciado um  
sacrifício  
e o homem com quem dividia o  
andar colocou-me um selo mulher  
como alguém que se humilha  
e depois de outubro nada será  
como foi quando parecia poder  
ser um pouco mais justo  
o homem claro portava uma auto  
rização  
parou depois de mim no portão  
me disse criminosa comunista  
sacou a legalidade da sua arma  
deu-me um tiro fundo no peito  
furou  
os limites entre pleura e coração  
não sei mais como respirar  
caí e fiquei estirada por dias e  
anos e passagens de verões

diluindo meu corpo no terreno  
ilê de alguém que amei  
agora território da violação  
ao lado do portão  
sequei e não morri  
talvez seja verdade a minha nudez  
talvez tenha nascido para ser  
invisível

*Mudo trovão acontecendo ainda, como a leve enxurrada, no oco do peito e levando-a voada para o ar leve e fino já de um molhado amai-  
nar, do fresco pingolejo de goteiras e caudais nos passeios, para o rodar dos trens sulcando a maresia que fica, levantando asas de água na passagem.*

MARIA VELHO DA COSTA, *Maina Mendes*

aos quinze a comunhão já estava maculada  
o vestido de impureza escandia até os pés  
a debutante sem valsa em terraço de bom  
sucesso  
como terminada a estada naquele subúrbio  
a história que conto na regalia deste vídeo  
fita basf vhs com adesivos de gérberas  
contendo mais ou menos 120 minutos  
cinema antigo que data de 1994 cheio  
de detalhes em salmão e tule desbotados  
sou em pé olhando para o nada entre os  
convidados do meu aniversário perdido  
almoço vespertino em frente à igreja  
para evitar o perigo dos tiros noturnos



a melhor cena do bairro enquanto o dj  
esquecia de tocar a canção que eu mais  
pedia  
talvez fosse 4 non blondes whats up  
e até hoje não sei se alguém dançou  
naquela festa cujo cardápio eu não havia  
escolhido  
lembro apenas da demora da escova a  
lisando meu cabelo comprido e crespo  
um lápis escuro contornando os olhos  
alguém me perguntando se eu gostava de  
unhas postizas  
de modo que preferi ter o rosto equi  
valente a uma fronteira porque ninguém  
enfim escutou qualquer tiro  
embora no salão a presença representasse  
uma passagem até mesmo uma viagem  
ao território celebrado e mentiroso das  
moças frescas mostradas como virgens  
neste dia talvez um sábado quente de  
dezembro ou uma espécie de açougue  
tive uma farta mesa com meu nome  
retrato daquela primeira forma de escrita  
um vestido longo que mais me cobria a  
forma infamiliar da altura e do crescimento  
a cena da fita vhs sou eu abrindo presentes  
esboçando amareladamente um sorriso

mas o real é a aniversariante no parapeito  
segurando a cabeça com as mãos curvada  
contemplando a direção do morro e a ação  
pequena do tempo incidindo naquela hora  
em que são cantados os anjos nos conventos  
o som dos tiros amortecendo a queda da tarde  
no meu cabelo alisado naquela hora sou eu  
dentro do enquadramento da cena um sol  
e o tamanho extragrande da melancolia.

## o que as mulheres podem ensinar sobre poesia

nada se os homens estão surdos  
e são como navios ancorados sem  
outra cartografia possível para  
navegações fundos e oceanos  
as mulheres são como as vozes  
que clamam solitárias no deserto  
são pedras esquecidas no esmo  
de cada solidão  
elas estão cercadas por profetas  
senhores doutores e professores  
que nunca se dispuseram a perder  
nenhum fiapo do tecido grosso e  
poderoso que os protegem na terra  
sim é verdade que todos sofremos  
aqui  
mas ficamos sentadas aguardando  
algun lugar nas fileiras da integridade  
ou temos as faces esmurradas pela  
facilidade primeva dos homens animais  
ou choramos derrotadas com o sangue  
coagulado sob as unhas o um ou dois  
filhos que perdemos na vida curta e im

pedida da nossa criação  
nós é que ficamos à beira das camas  
a teus pés  
secando as febres torrenciais dos gênios  
nunca vos pedi ó homens  
leiam meus poemas  
mas deixei sempre um seio livre para o  
caso de sofrer de amor  
os homens poderiam calar um pouco mais  
ceder na arte poética de escutar embora  
todos sejam ávidos pela tecnologia  
olímpica dos antigos  
forjam todos ferro ou cobre na alegria  
dos carrascos que tatuam em nossas peles  
letras escarlates  
calando-nos sob pena de morte em vida ou  
tortura  
os homens nos reprovam rostos cinturas  
palavras  
cravam braguilhas fechadas em nossas línguas  
e nós secamos os olhos sobre os bordados  
manchados de ingratidão e de abandono  
não conheço uma única mulher que não  
tenha tido alguma pele furtada pelo silêncio  
pelo repouso contínuo da escrita e da fala  
como gestos sistematizados pelo medo

estou há vinte anos esperando aquele seu  
telefonema  
estou há quinze anos aguardando que você  
recolha os restos de sua mãe  
estou há trinta e dois anos lembrando que você não  
voltou nunca mais  
estou há dois meses querendo ignorar que  
você gritou naquela reunião e ninguém te impediu  
de continuar  
estou há cinco horas com seu tom autoritário  
me cobrando presença  
estou viva não sei até que esquina.

## metamorfoses

testemunho comovida a ginasta alexandra raisman  
chorando emocionada depois de seu número no  
solo

reparo no rosto dela a consciência da entrega e da  
partilha

a certeza de que aquilo é o todo que um artista  
pode oferecer

o choro não cabe mais nela, parece estar muito  
perto de uma perda definitiva

– aquela que só o artista conhece –

até que acena para a plateia

e se vê no Outro que a devolve à humanidade  
mais sublime e também naquela condição  
propositadamente ‘mais pequena’

salva-se, alexandra.

sorri ao final e deixa seu abandono de novo no  
solo para abraçar alguém que a contorna

pode retornar para casa mesmo sem ouro.  
doou-se tanto que o que lhe falta veio por si.  
diferentemente, agora, transformada, precisa  
retornar ao deserto. e procurar, para não morrer,

formas de repetir esse amor que viu e ouviu nos  
olhos humanizados daqueles  
que contemplaram tamanha entrega

por um tempo, não há nada que fique  
mas, sabemos

alexandra tem tempo.

## lavar o peito e o espaço

você não está se achando  
muito exigente não gorda?  
foi assim que o demetrius  
mestre em clássicas e dr  
em cinematografia tentou  
dirigir uma cena na qual eu  
pedia que ele usasse pre  
servativo ao que respondi  
lívica e ameaçada por um  
jogo sinistro de espelhos  
não sou sua serva cara  
acho que qualquer possível  
termina com a violência  
desse arremedo de diálogo  
não sou sua serva cara  
esta resposta foi muda  
puro medo e pensamento  
no plano sensível eu me  
deitei na beira de um rio  
nunca soube se ophelia  
ou a desistente virginia  
mas a verdade foi que  
nem engravidei nem sorri  
fui paralisada pelo tom



grave dos 188  
centímetros do velho  
demetrius e também  
morri um pouco deitada  
de braços com meus  
sussurros  
você não está se achando  
muito exigente não gorda?  
de repente a memória se  
desloca para um beijo  
vespertino do sintoma  
tenho uma coleção  
destas cenas  
mas em algum momento  
amar foi se parecer com  
sim exigir para mim mesma  
alguma forma de proteção.

## dos anônimos

olá o meu nome é o da lapela  
fui encaminhada para essas reuniões dos  
comedores compulsivos  
encaminhamento dele psiquiatra  
homem rigoroso na mesa havia uma rosa  
folhas e folhas de receitas  
se não houvesse grade a clientela  
partia  
endereço dias ferreira perto da importante  
livraria  
tenho vergonha de dizer o meu nome  
o que eu inventei é a roupa debaixo  
do nome que pus na lapela  
estou aqui porque ele ameaçou me internar  
sem nenhuma invenção de histeria  
estou há muitos meses narrando um dos estupros  
ele diz que isto não é importante  
venho comendo muito  
isso não é uma justificativa  
embora seja  
emudeci com os remédios  
gravei pela zona norte uns anos  
– a melhor decisão para uma mulher é começar  
o seu próprio amor

venha  
contrate-nos somos os vigilantes do peso  
– é menina?

1979-2019

palco imenso, luz baixa

homens lendo  
poesia

o frame, a performance  
um papel  
uma lista

xenical  
lítio  
imosec  
imipramina  
hipofagin  
enalapril  
desobesi  
centella asiática  
fluoxetina  
sibutramina  
tegreto1  
garcinia cambogia  
clonazepan  
mazindol  
losartana

60

bupropiona  
valium  
sertralina  
pholia magra  
metformina  
atenolol  
topiramato

– nasceu,  
é menina.

## a mascarada

eu tive o tempo curto do amor  
as folhas das coisas oscilando  
a luz incidindo nas horas finais  
do dia  
mas  
as mulheres também podem ser  
cruéis  
podem engravidar de um amor que  
não seja o seu  
como se descobre por acaso na caderneta anotada  
[dos ciclos  
um planejamento de hormônios  
enquanto eu sempre temi maquiagem  
mosquitos pousando sobre uma massa  
acimentada no rosto  
de modo que tive o tempo curto do amor  
mas se houver um poste vazio  
nos sábados de aleluia  
assumo o risco de ter o corpo perdido  
para o abate  
porque apesar de amar sempre  
odiei as vísceras pacientes dos santos  
e escrever foi a única sobra  
que me restou do excesso

as mulheres e os homens me fizeram só  
escrever foi a certidão de nascimento  
e com este acaso  
dar meu nome foi ganhar a vida.

## clarissiana 6

tem algo que fala na poesia  
não é a minha voz  
caralho  
nem tudo é autobiografia  
mas neste caso é  
embora eu não alarde  
para incomodar os professores de teoria  
falo por dentro do silo  
não sei quantos grãos inteiros  
sobraram  
algas que falam na poesia  
forma de vida aquática  
básica ou fúngica  
soterradas pela inconclusão da balística  
tenho o ofício de desaparecer  
toquei o terror e fui banida.



## o que me deram a solidão e a fome

perguntam muitas vezes como me chegou a poesia  
sempre digo que foi através das leituras  
mas uma outra verdade talvez tenha mais serventia  
a poesia quem me deu foram a solidão e a fome  
as crianças brincando no tempo dos longos recreios  
doces e alegria  
comigo os dias de trabalho rua açapuva  
alguma morte à faca os cortes  
sabor amargo de meia fruta.

## grupo de risco

nos anos da peste  
enquanto sobrevivo  
abro os braços  
no pórtico da polícia  
orgulho de piratininga  
no céu vagam os sonhos  
escritos da nossa extinção  
cada um como obelisco  
debaixo os pilares confusos  
algas sem ti enredando  
as raízes fundas da terra  
ainda bem que as crianças  
estão ficando  
enquanto tantos vamos  
partindo  
sob a noite instalada  
nesta praia de uma região  
oceânica  
onde nunca mais foi possível  
acontecer sem perder  
nesta rocha esquecida  
onde teimosamente  
falho  
tentando escrever

mentira  
certo seria  
remendar  
a palavra país  
sua rede social  
não irei mais ao  
aeroporto dar  
adeus aos que  
estão de saída.

## aturdido

de uma camada de poeira no vidro  
retirei brasa e deixei impressão  
quando me virei havia espelho  
o que refletia era agosto  
rosa especialista em espinhos  
medusa eu de cabelos pelo chão

## bioma brasil

as onças se despedem como os jequitibás  
pouco a pouco somem caçadas como nos  
tempos nem tão passados de tanques e  
coronéis

brasília economiza para a piscina azul  
pacífica e olímpica dos banqueiros  
nos casarões construídos pela plantação  
queimada

dos caboclos dos agricultores das babás  
que não são amigos dos doleiros  
as onças e os peixes pedem água  
mas o boi é vala

e bala é lei

para a cidade que morre

é pele ralada de pasto e ruína

carne escura como massa bolonhesa

pouco afeita da mesa dos raros brasileiros

que viajam para gastar

sete moedas por um euro na itália

ou na antuérpia

meus amigos quando muito conhecem

bem pouco a bahia

mas as onças povoam nossos sonhos

sucuris serpenteiam a magia dos desafios

elas  
colocam em causa a ruminância da morte  
elas  
explodem homens que as ameaçam prosseguindo  
rastros em latência  
por baixo da terra nasce uma vingança  
ela virá do chão e subirá a mesa dos  
mercados financeiros  
implodirá o sistema de saques

por baixo da terra cresce uma vingança  
ela macerará a cabeça da cidade de Brasília

e servirá o canapé dos justos na praça dos sem  
poderes  
um festival de água e músicos honrarão o sonho  
um bioma novo cederá a nova espécie de híbridos  
serão leitores úmidos de cuidados  
seres comoventes  
seres vacinados  
mas cruéis e fortes para queimar aí a mesa repleta  
dos fartos e antigos  
roubos dos inimigos  
os barões das grãs genealogias  
um império de novos nascerá sobre o cadáver  
gasto e infértil dos banqueiros em nome da  
refundação do mundo

nós pós respiradores  
nós depois de humanos.

## rios dos voos

*para andré capilé*

quem me deu o colar de alabastro  
a vista dos rios profundos no passeio  
daquele passado no Amazonas?  
Foi naquela foz que saí da imensidão  
voltei com a vida partindo das entranhas  
adoeci da floresta com os caboclos  
falando da morte numa língua originária  
meu pai sentado chorando a queda de uma ucuúba  
a navegação foi o que me levou do resgate  
nunca mais chegar ao medo sem proteção  
ou a licença dos atabaques  
mesmo com o colar no peito  
há ventura no chão de mágoa em que piso  
preciso  
desfazer os nós  
preciso  
limpar os pés antes de pisar  
preciso do rio para acontecer  
vou  
tocar o curso da água até vir o choque  
voo é deixar o meu filho cântico nascer



## agenda

quando um corpo caminha o que o  
leva para chegar sem que haja  
difícil alguma nudez  
o que as carnes que queimam  
varadas pela crueldade celeste do sol  
lançam enquanto o assoalho pélvico  
inflama  
mesmo esta pergunta agora feita  
no início da noite na vastidão de  
uma pobre região oceânica  
remete ao corpo preso nas algas  
ao calçado perdido de virgínia  
molestada como todas nós  
(não seria esta a parte esquecida  
daquela antiga teoria da fantasia?)  
pela pressão aquática dos rios  
depois de tantos anos ainda  
mora na febre o mesmo fantasma  
quem é o nosso corpo roçando  
no cascalho dos muros  
que foi a carne senão a loucura  
sentada na calçada os pés firmes  
na vingança do asfalto  
muitas vezes chamei deus

e ouvi a sua decidida mudez  
amargosa  
contemplei sozinha  
a cegueira das suas preferências  
o corpo feito de gorduras  
ainda assim  
apaixonado pelo que  
restou  
nítido no estar sóbrio  
sobressalente como a  
despedida

te escrevo, leonard  
porque não pude mais  
extrair o alaranjado  
da paisagem no corpo  
esta nudez são os anos  
nesta rua de ramos  
te deixo minha solidão

## a estranheza

o que tirar ou o que deixar  
a conta que não fecha  
cabem ser justa sobrar  
falar como se fosse  
possível  
retirar aos poucos os  
pedaços  
dormir pelo sono  
restituir o que não foi  
anistiado pelo poema  
o mesmo há trinta anos  
koba  
haver pedido o sonho  
e nele morar a silhueta  
perdida do dínamo com  
pedaços da pele faltando  
garfadas de amor sobrando  
moer o corpo pelas beiradas  
o sintoma comida  
pelos que foram engolidos.

## eu queria estar em denver

mandar cartas para o brazil  
e assinar como as bandas  
de sadcore me ensinaram  
no final dos anos noventa  
denver, 1998, colorado  
talvez eu não fosse professora  
porque sou uma latina lésbica  
e meu inglês é ruim  
talvez eu lavasse pratos  
ou fosse assistente de alguma  
creche de sonhos americanos  
como ter uma vida comum  
de trabalho e descansos  
ter sido totalmente vacinada  
ser rodeada por menos livros  
e quem sabe esperar os anos  
de ver algo próximo de alguma  
justiça se avizinhandando um dia  
mas  
a minha canção do exílio  
nasceu em forma de nunca  
nenhuma de nós tem heranças  
meu pai nos deixou há muito  
tempo um apartamento

num bairro sitiado  
mas usamos a grana  
para sobreviver por um tempo  
em que não me aprovavam nos  
concursos  
usamos a grana mas  
foi investimento em  
sobrevivência sabe  
não tenho histórias edificantes  
sobre o exílio dentro da minha  
casa  
a louça se acumula entre bactérias  
uns dias se chora mais  
noutro dia se chora menos  
muita gente diz para não termos  
esperança para 2022  
e talvez seja só por isso que eu  
quisesse estar em denver  
dizem que é ensolarado e a vida  
é amena  
você deve estar me julgando por  
acreditar que qualquer imigração  
seja amena  
mas a verdade é que em todos os  
morros  
a vida no brasil já caiu por terra  
nessa canção fraturada

em cada esquina  
um de nós cai  
atingido  
em cada esquina  
um de nós migra  
para nenhum sonho  
em cada esquina  
sempre um de nós  
acorda na hora do pesadelo  
e não é nenhum filme.

## a história de dalila

bombshell é abertura de cortina  
se tu tem casa agora reza  
tudo aqui pode ser perdido  
mesmo que não seja teu, anjo  
nenhum de nós meteu o pé  
ficou geral estalando o ombro  
vendo passar na tv o número diário  
de restos enquanto a caspa um fungo  
arromba o preto  
da nossa roupa de luto  
fala como expõe a raba no instagram  
fala como um pressuposto deus  
fala como quem cospe no rosto da  
mãe  
fala como aqueles dois que torturaram  
a criança  
nas moendas da barra daquele quarto  
sem personalidade  
pobres de nós porcos sem luxo  
o tempo, anjo, é todo um gatilho  
aqueles homens puseram fogo em nós  
o céu caiu o céu desceu  
(qual é a loucura do corpo no padre?)  
as imagens doem as imagens pesam

as imagens assim não faltam  
os dias são arrastados como as lives  
os banhos e as louças são feitos de lágrimas  
baixas de garatujas animadas pelos hits sertanejos  
dos vizinhos ou dos agrotóxicos  
tudo o que vivemos dentro de nós  
do lado de fora vira um alvo  
um centro de gravidade viral  
como acordar e ler as citações em alemão  
de um professor jovem que quer ser emérito  
como acordar e reconhecer a gravidade do  
desaparecimento daquelas três crianças  
como os acamados  
irrelevantes  
como levantar e dar de comer aos gatos  
uma comida quando se tem um país arruinado  
de homens e mulheres saudando os tiros  
o céu (de novo)  
o chorume dos mortos  
bombshell haja granadas  
se não há mais palavra  
o pânico aveludado dos vivos  
o tempo, boy, é míssil sem destino  
diria alguém com muitos prêmios  
diria alguém irrefutável  
o tempo são os empresários palitando os dentes  
depois do obituário



o tempo, boy, é não ter história ou anjo  
aqueles homens puseram fogo em nós  
desde cedo eu soube que não hesitariam  
nada  
em fazer isso  
sei que eles amam a guerra  
sei que todos eles lucram com suplícios  
de modo que  
teu silêncio me enfada  
tua dieta detox me ofende  
eu estou farta da nossa bondade  
eu quero saber quando nós vamos perder o medo  
eu quero saber quando será o nosso ataque  
eu pretendo morrer pelo que brigo

## a magnólia (com coisas da luiza neto jorge)

*para clarissa*

sair do rio e ter na pele os tiros  
familiares como a demência a  
colcha da cama pelo uso desbotada  
a vida da infância irreconhecida

atravessar a ponte até o pedágio  
rota provisória de salto no mergulho  
pronta para estar próxima da praia  
primeira vez em que risco a oceano  
minha grafia

do pedaço de verso que me sobra  
dobro o preço do aluguel mas fico  
viva  
querendo outros papéis  
uma melhor areia  
outra maresia.

## centauro com peixes advindo

eu poderia ser mãe da menina morta  
ela nasceria em 1995  
comigo aos 15  
depois de te perder em 1994  
sobre o pai diria que era  
um garoto de programa  
mais velho mais duro  
um homem retinto  
que projetava para nós uma casa  
na bom pastor em belford roxo  
enquanto comia machos executivos  
no passeio no centro  
naquela época ninguém dizia vou ao centro  
dizia-se vou na cidade  
como se o subúrbio fosse mesmo  
uma zona remota  
fora da política  
uma casa mesmo da polícia  
meu bebê nascendo entre os fantasmas  
(uma cena que se repete desde  
sempre naquilo que faço da escrita)  
o nascimento pelo subúrbio  
aedos e rapsodos  
sou uma delas

eu poderia ser mãe da menina morta  
o pai chamava victor  
ele dizia amor esse é o meu nome de  
guerra  
claro  
no retorno para casa  
ele me punha no coletivo  
laranja de número 311  
amor até hoje tatiana é  
o meu único nome de guelras

## transplantação

escrever do jardim depois da planta morta  
descobrir quem sabe o botão da orquídea  
neste inverno meu silêncio inteiro como  
vestígio de terra nas páginas virando.

## aquela teresa

como que se mancha o vestido  
sem ser de um óleo castanho  
como que se arrasta o vento  
oceânico das costas sem  
acorrentar as crianças aos medos  
como que se toca nos fios antigos  
nas contas da sua memória  
ancestralidade alagada  
dos seus braços que imito  
quando estou sentada  
essa cambraia caindo no formato  
domesticado do corpo

uma frente retida e coalhada  
da memória que não guardo  
mas ela aparece porque não foi  
esquecida

& queria saber sua voz depois  
de preparar as crianças para  
o sono  
a bisavó  
que uivou para fora de sua tribo  
ainda que seus braços

mulher pousando ao lado de  
panos, madeira e flores

o tempo: a infância e seu retrós  
fechar a casa dos botões  
armazenando as linhas.

## aparecia

*para danielle magalhães*

naquele tempo  
minha avó tinha os vestidos  
cheios de pregadores enquanto  
pendurava a roupa lavada  
que ela sacudia com força  
contra o sol  
depois alisava  
ajeitando as golas das  
camisas do meu avô  
o que eu olhava através dos tecidos  
não era propriamente a pele  
que faltava  
mas a ausência de explicação  
para o amor  
para a solidão  
para todas as engrenagens  
do lado de dentro  
eu ficava da mesa sentada  
aguardando a mudança da luz  
sobre as roupas  
sobre o cabelo dela  
sobre o susto



esperando o tempo certo de ela me ensinar  
as costuras

## peregum

se eu cansar, mãe  
derrama sobre mim  
o jazz triste sem  
mansidão  
se eu morrer, mãe  
mói o leite das dracenas  
toca a espada roxa com  
que fui nascida  
despeja o banho final  
da minha revolta  
que nunca quis ser  
tão molhada ou tão seca

reinou em mim a dança  
do pé no chão sagrado  
peregum levou para longe  
toda folha que em mim fosse  
apodrecida

## sem esperança entre os hibiscos

bem tarde para descobrir que os poemas  
de amor são feitos do silêncio na casa  
a mão que treme e fala mesmo é folha  
alguizar meu inventário das perdas  
a partir do dia e do horário em que  
se pousa uma rama sobre cada partida.

## facção

joice é gorda e é chamada de porca  
as feministas não ligam porque  
a farm é estreita e a passagem  
pequena  
joice é repugnante mas não devia  
ser chamada de porca  
porque as porcas são rosas  
e gordas  
joice é escrota  
mas não é porca  
é gorda  
as feministas não gostam de gordas  
os homens intelectuais também não gostam  
de gordas  
só de pequenas moças com vaginas rosadas  
em geral depiladas  
como crianças  
que animal seria a mulher escura e gorda  
se não fosse a joice  
seria um desenho?  
os risos incidem sobre as porcas  
nem tão rosas ou gostosas  
como as feministas brancas  
e os gays das academias

nem como as escritoras boas  
o/as poetas pensam na saúde das gordas  
por isso vibram em xingar joice de porca  
porcas comem lixo  
gordas são banidas para baixo dos pisos  
elas têm pesos pesados e caminham às  
vezes como mamutes sagrados  
mas ninguém se importa com a pisada  
e a potência das gordas  
nem as feministas das passeatas  
todas magrinhas e fadas  
sem suor ou lâmina afiada sangrando  
entre os caninos seus dentes  
na dúvida silencie as pragas  
essa gorda precisa de nutrólogo  
caia fora  
vamos para a sessão de endocrinologia  
hoje completamos – diz a notícia – seis mil  
bariátricas  
mulheres costuradas dentro e fora  
nos leitos algumas vivem as  
outras muitas que se foram  
(mortas)  
quando eu morri alguém me disse  
– querida, você está desaparecendo  
mas  
há males

(para porcas sujas  
não rosadas)  
que vêm para o  
BEM  
bem-vinda para  
fora  
do mundo das  
gordas porcas

## chegada à praia

aporto no meu desejo desta praia  
este acontecimento sem o qual  
não houve mais outra notícia.  
esbarro no caminho da fantasia  
assisto ao desenrolar das minhas  
inúmeras quedas. recolho os restos  
da minha própria peça sem mais  
poder interpretar a mim mesma em  
que naufrago e boio sem me saber  
escafandro ou peixe ou ouriço.  
chego sem ar para recuperar a voz  
a alternativa de ser densa, acústica  
as últimas palavras são devoluções  
elaboradas do meu luto mais antigo  
e o que me sobra vai bordeando outro  
contorno. tão lento que retorno ao  
mar alto nos dias de mergulho sujo.  
volto. estás lá. ou aqui, marejada  
muitas vezes pelo meu talento pouco  
profícuo com a palavra, o drama e a  
sorte do meu encontro com o Real  
ou mesmo do que resta deste mar  
em ti comigo. penso que cheguei à  
praia e mais uma onda atravessa a

frágil conexão com a terra neste  
vício de navegar muitas correntezas  
e de me dizer na vaguidão da espuma  
sem tampa para meus orifícios.  
quisera eu que fossem sem custo todas  
estas tantas metáforas para aceder a um  
mínimo de certezas porque não poderia  
nunca não dizer desta mútua insistência  
que é a de chegar ao mais íntimo  
do que nunca pensamos e estar  
no mais dentro de tudo aquilo que dói  
e é:

---

sem nome como foi ou é  
o amor desta transferência



kò sí ewé, kò sí òrìsà

a primeira vez que ele se mostrou  
não vi porque já dançava em mim

iara  
*com coisas da iara ira*

coso para te contar da terra  
mas dela não falo porque sei  
que você dança entristecida  
a melancolia das nascentes  
na paralisação do magma  
desta inimizade que vem sendo  
a extinção

no vagido das folhas entre as  
pedras do teu rio que corre  
agora vazio  
se ouve  
o eco vigoroso da raiz  
subindo até o corpo das copas  
mãe da manhã iara

quando protejo a cabeça ou  
aquiêsço sob teus banhos  
a vida me é possível  
as vísceras não doem  
e no roncó eu sei de cor  
a coreografia azul-clara

e amarela rodando  
cabelos arvoredos  
lírios abertos  
teu balé de mim

glosa: em 92 havia uma rede  
como se era uma garota  
passante rediviva do subúrbio  
acontecer era da tv para a rua  
Cilene jogadora 73 kg  
seleção brasileira de voleibol

em 92 havia uma rede  
e eu não tinha altura  
vivia de promenades  
até a praça das nações  
inebriada pelo perfume  
dos fritos saídos do  
buraco entre a uranos  
e bonsucesso  
em 92 foram os homens  
que venceram no vôlei  
nisso não havia novidade  
para quem precisava con  
ferir o tamanho de frente  
para a rede alta como um  
céu  
antes de se aprender a cair

pois não era bem certo  
querer ir ao clube  
solicitar a matrícula  
era caro o bonussucesso  
futebol clube  
pechinchar para jogar  
sempre me lembro  
gingar para aprender a cair

quanto você pesa  
perguntou o treinador  
doze anos e está desse  
tamanho  
minha filha primeiro vou  
arrancar teu couro  
fazer tua gordura sair  
pelo olho  
vou te desfigurar  
ia ser mais tempo sem rede  
quanta andança nesse tempo  
tanto de chorar e doer  
para aprender a cair

aulas de vôlei não tive  
fiquei dois meses nas  
mãos cruéis do sádico  
subindo e descendo

arquibancadas  
suando a mácula  
pelos poros  
enquanto outras me  
ninas aprendiam o saque  
o passe correto para as  
cortadas  
eu distante perdia entre  
os degraus e os dedos  
aquilo que não tinha  
um modo seguro de  
ficar em pé  
ganhar impulso  
para não aprender a cair

na volta para casa  
o vento da linha férrea  
limpava meu rosto  
passar pelo buraco  
(na zona norte não  
se falava nunca túnel)  
um cem número de vezes  
em todas as semanas  
me vincava à alguma  
geografia  
& de todo modo  
sem nenhum saber

do vôlei ou do desejo  
aprendi a tecnologia  
das passagens e dos  
buracos  
os homens venciam  
eu não podia me aproximar  
das redes  
então aos doze  
descobri que para ser  
atacante  
ou jogadora de defesa  
era preciso sair  
jogar sem rede  
quase sempre só  
foi o treinamento  
violento  
que se repetiu  
anos a fio  
até virar o  
ensinamento  
defender o corpo  
a bola  
para não cair.

*Niterói, agosto de 2021, assistindo aos Jogos de Tóquio*

*não quero pregar ou convencer. só quero ter  
o direito à afirmação, que é muito modesta.*

LOUISE BOURGEOIS

gordura  
adorável  
cordura

porra  
nenhuma  
revide.



## sem pai na cabeceira

*No centro da sala,  
Diante da mesa,  
No fundo do prato,  
Comida e tristeza.  
A gente se olha,  
Se toca e se cala  
E se desentende  
No instante em que fala.  
Cada um guarda mais o seu segredo,  
Sua mão fechada  
Sua boca aberta  
Seu peito deserto,  
Sua mão parada,  
Lacrada,  
Selada,  
Molhada de medo.*

*BELCHIOR, Na hora do almoço*

na foto apareço na sua frente  
a sua mão pesada no meu  
ombro  
alguém dizia antigamente  
que eu tinha a cara nordestina  
da minha avó

sendo que diferentemente dela  
sempre carreguei um corpo pesado  
botas ortopédicas para consertar o  
passo  
a sua cor de pai quase não aparece  
imagem amarelada quase perdida  
três ou quatro fotos nossas aquela  
outra de um fim de tarde em araruama  
você leria as minhas cartas depois do  
desaparecimento?  
você escreveria alguma resposta para  
o que eu não sabia?  
eu sempre soube que era mentira e  
talvez por isso naquele dia do grito  
uma voz que saía do telefone em  
são cristóvão  
eu tenha decidido parar o tempo  
eram os deuses cercando o forte apache  
seu corpo migrava (essa nossa história) noutra  
[procissão  
todos os segredos sobrevoando a paragem do tempo  
minha dor nos pés nas botas ortopédicas  
crescer  
endireitar a árvore ser frondosa como os  
animais do brinquedo  
você um fruto que eu guardei até murchar  
no último dia das festas

sem poder parecer  
de outro país  
você é a criança órfã dos apaches  
querida moça macabéa  
ex-mulher-bomba rediviva

## são josé dos ausentes

do meu pai não tive as mãos pedagógicas sobre o  
[volante

e mesmo sabendo que era um  
campeão de vendas  
na arte de ter sócios sempre fui horrível  
meu pai não me ensinou a dirigir  
a negociar empréstimos  
pelo contrário  
fiz dívidas  
não quis dar o nome dele a ninguém  
e em todas as mudanças  
a fiança da casa que não tenho  
lembra  
a herança cuidadosa que ele deixou  
do meu pai lembro o ancinho  
o medo de subir e as quedas  
a cabeça aberta muito cedo  
e a lagoa fluorescente nos verões  
da estrada araruama - iguabinha  
do meu pai digo sempre a sua pele  
a casa onde nunca vi agosto  
com carnes linguíça ou cerveja  
em meu casamento ele não esteve presente  
nem nas vezes em que precisei usar a furadeira

meu pai se dissipou na minha neblina  
uma aura com peixes alados  
ficou como uma ária marítima em voz errada  
que entretanto canta comigo todos os dias.

## os poetas e o imc

elas chegaram ao ponto  
de exibir no feed uma  
dócil salada  
tremi a tarde inteira  
porque mancha o  
sangue  
a altura da glicemia  
não sei o que brilha  
mais no verso másculo  
e o que o agencia se  
o amor heterossexual  
os olhinhos claros  
ou o orgulho macho  
deles todos com suas  
meninas poetas  
bem magrinhas

## arranque

de tarde li teu nome junto a um guepardo  
caminhei com as mulheres que ninguém  
atiça socorre ou deseja  
na real já são mais de seiscentos dias  
tudo gira tudo desaba e o que sobra não  
enobrece  
no meu tímpano ficou uma nota ao longe  
sei dos graves aprendi com as vísceras  
o risco na contramão do sentido  
sabe como é que é  
durante muito tempo  
dedos invasores tomaram conta de tudo  
o que sobrou do corpo foi essa nudez  
dos regimes nos subúrbios  
sei que você teme que eu diga seu nome  
não se preocupe  
piso com força no seu corpo imaginário  
com vigor me desembaraço em todas as giras.

## os móveis que trouxe de amargosa

dos móveis que trouxe de amargosa  
restam  
um aparador usado na cozinha  
hoje no banheiro  
uma cadeira de plástico em que  
alguém escreveu o meu nome  
abaixo de um adesivo de uma  
campanha de dilma  
em amargosa conheci uma mulher  
com este nome  
deitei com ela  
ela deitou comigo  
não posso dizer que profissão tinha  
pois não quero magoá-la com esta  
provável exposição  
além da cama  
nos víamos às quartas-feiras na  
praça depois das dezoito horas  
sentávamos nos bancos e não  
falávamos quase nada sobre  
nossas diferenças (escurecia)  
apenas  
ela me dizia pegando com  
discrição algum cacho



é muito lindo o seu cabelo  
& no dia em que o caminhão  
saiu da cidade com a minha mudança  
uma cama, livros, cadeiras, apara-dor  
roupas, sapatos, panelas, discos  
estivemos depois juntas numa esquina  
dilha levou um envelope com o que  
ela dizia ser uma lembrança, presente  
e quando abri não havia carta ou palavra  
talvez fosse um modo de significar a nos  
sa mudez  
era um pequeno pedaço de seus  
cabelos  
e nesta época em que eu ainda não  
podia amar  
coloquei os fios entre as mãos  
cheirei  
e um vento vindo de brejões  
levou embora sua dádiva  
não houve lágrima talvez  
um segredo trocado um  
sussurro  
algo como uma voz que  
se desfaz no avançado  
dos minutos e diz  
– talvez não devêssemos mesmo  
durar.

karen koltrane  
*com coisas distorcidas*  
& *sonic youth*

*para karen marcella, em sua memória*

*Karen's moving out  
Out into the sky  
Karen trips on a cloud  
Sets down with stars in her eyes  
She's alone in a room  
She's deep inside of her mind*

*Karen, you're hanging on the line  
Wrap your coat tight around  
Karen, your eyes are on the prize  
I'll catch you on the way down*

eu saberia se você associasse um blues  
mas você era de gêmeos  
preferia dança árabe antes de montar os  
croquis  
mergulho fundo sem pé na areia, mana  
quadril que se rondavam no palco  
mais egípcia que tebana  
por aqui é sempre muito estranho o  
seu nome agora impossível e vazio

a nossa última conversa foi uma  
foto que te enviei  
você segurava um adesivo comigo  
tinha uma presilha de flor no teu  
cabelo clareado colorido  
você escreveu em negrito  
garota, sinto tanta saudade  
de toda essa aglomeração

não deu, querida  
sobre os desastres  
e a despeito do  
luto  
te aceno  
para aquela esquina  
onde fomos felizes  
aglomerados  
por quatro ou cinco  
horas naquele ano  
difícil e fatídico  
que se repete  
a despeito da  
plantation  
aquele ano  
como este  
como hoje.

## touch me i'm sick

a primeira vez que vi  
o terror  
eu era ainda uma criança jovem  
alguém tinha morrido e ouvia  
sua voz no banheiro dos fundos

a primeira vez que vi  
uma mulher  
tocar o terror  
ela usava saltos  
era uma baixista loura  
não era nenhuma garotinha  
e cantava um cover do mudhoney

com vinte anos  
saí da central de atendimentos  
em que trabalhava recebendo  
xingamentos  
e fui a um show de rock  
com roupas de recepcionista  
mas eu usava saltos  
e imitava  
a kim gordon

tudo o que eu sabia  
com o que tinha

apesar do sintético  
em excesso  
tudo que aprendi naquele dia  
foi a gargalhada dos homens  
que me perguntaram  
se eu sabia o horário do  
último ônibus para caxias

(tecido barato  
uniforme de  
tocadora de  
terror  
trabalhadora)

sinto falta de ter amado  
antes mulheres latinas  
kim gordon  
a confusão é sexy  
todavia  
los angeles  
nunca traduzirá  
beleza ou terror

como  
caxias  
rio ou  
bahia

## enquanto queimo

saídos dos braços abertos  
das miniaturas de minério no  
fundo antigo dos lagos  
para ver e ouvir a horda de  
bárbaros chegados  
palitando a massa apodrecida  
entre os fonemas e os dentes

o terror é amar neste sítio  
tão frágil feito o mundo  
tocava sophia

toco o poema  
e de repente  
aparecem dois bois  
sendo tocados na  
direção da água  
nos sonhos ainda é possível  
guardar as sombras  
& talvez mesmo na ocasião  
dos pesadelos se guarde  
o horror do pasto ou  
uma paisagem outra:

os boizinhos tocados para longe  
amostra afetiva de passado  
quem sabe alguma vez  
existiu a mansidão

agora a orquestra ensaia  
nossa canção o hino  
bovino  
música de respirador  
na pauta o sumo do compasso  
encíclica dos apoiadores  
os aerossóis dos assassinos  
sobre a carne moída do horror.



“Escrevo-te para que me escrevas”  
*Um arco singular*, M. G. Llansol

para mim ficou claro que  
escrever era acenar  
hastear uma bandeira  
de trégua entre quem fui  
e quem era  
tempos e tempos nesta lida  
escrever era mastigar  
um grosso volume de esperma  
na boca  
escrever foi depois de desaprender  
a palavra ânfora  
escrever depois de morrer  
a ruminação dos abandonos  
equina  
sem galope ou estrada  
escrever era sentar no meio do  
terreno  
nas enchentes e insolações  
sentada dolorosamente sobre a  
coluna  
animal menina

...

escrever não vale o seu canto  
agora falo do lado de fora das  
*amardilhas*

escrever só veio depois do meio  
dos terrenos  
sentada ou deitada nos campos  
cercada pelo charco pelo horror  
sufocada pela pedraria

como na cena de lara brown  
submersa pelo peso da água  
antúrios raízes comprimidos  
as vozes mais herméticas  
transparências fluviais  
afogamento  
como a morte pode ser luzidia

escrever é sobre traduzir  
o gosto ácido do combustível  
o gozo ressecado  
saliva oleado ritos funerários lama  
escrevi para poder cantar  
quem sabe agora eu queime  
a losna meu pranto água de artemísia

...

a trilha sonora do terror  
eu mesma toco  
desde cedo  
com meu corpo encharcado  
violoncelo ou partitura  
a repetição do meu nome trocado  
escrevo finalmente  
porque cansei de colecionar  
desagravos tantos restos  
sei de cor as pontas dos dedos  
desnudando meu peito  
riscando à unha minha pele  
esse órgão enorme  
eu mesma toco  
o som de cada tecla  
a escrita  
dando o terreno  
oferecendo galope  
flâmula fôlego  
para além do cercado



(todos estes poemas foram escritos no Brasil entre 2016 e 2022, anos em que, a despeito de nossa imobilidade e impossibilidade de fuga, traçamos rotas de saída ou de sobrevivência. este livro encampa uma produção tocada pela mobilização e pelo risco iminente de formas cada vez mais violentas de ruptura. são poemas que respingam um ar líquido contaminado, são pequenos anticorpos entre a inimizade, o cancelamento, o silêncio e o brutalismo. por isso, seguem as linhas traçadas pelo artefato anterior, mas tendo modificadas integralmente a explosão e a surpresa. ficamos a postos durante o assombro, imobilizados pelo susto. para fugir (para onde vamos?) sem saber qual rota traçar, conjuramos, mas sem clareza ou direção nenhuma. num pequeno jardim, entretanto, pudemos reunir um peregum, um som, algumas palavras e alguns vivos, mesmo na convocação para a mudez. dispusemos então de instrumentos de sopro para tocar para longe o horror. tentamos recobrar os sentidos depois da solidão, dos abandonos, do choque. rumamos a um farol, mas ainda num pântano, entre a paralisação e a trilha das pequenas joias naturais entre alguns sussurros. um livro é algo (em) que se toca, mas só

depois das hecatombes e da satisfação trágica dos tipos mais cruéis e corrompidos dos primatas. a poesia aqui não é uma moção de repúdio. é espasmo da sobrevivência, acordo com o futuro, arqueografia sobre alguns impossíveis: pétala guardada entre a escrita do trauma, a beleza e o fim.)

*Na seda púrpura, traços de oceano e de céu indicam tempestade. Um pequeno navio, plantado no meio de duas ondas altas como ele, está à deriva. Falta pouco para afundar, poderia-se dizer. No canto esquerdo da página, entretanto, um farol lança braços compridos em direção ao mar. O foco decepa as trevas e, forte como um desejo, leva com segurança o barco rumo ao mar aberto.*

ADRIANA VISNARDI, *Sonhadora, de Vésperas*





*forte como um desejo é a escrita e o seu sim*



*região oceânica de niterói,  
janeiro de 2022.*

*522 anos do início da plantation,  
6 anos do golpe que depôs a  
presidenta dilma vana rousseff,  
4 anos do assassinato de marielle franco,*

*no início da terceira onda  
de covid-19 no brasil,  
com quase 620 mil mortos  
desde março de 2020.*

*que não haja paz para  
neocolonialistas, golpistas, fascistas e  
neofascistas, misóginos e assassinos.*

Esta obra foi composta em Electra  
e impressa em papel pólen 90 g/m<sup>2</sup>  
para a Cult Editora, em abril de 2022.